

A Igreja como mistério de comunhão. Notas sobre a eclesiologia eucarística de Joseph Ratzinger

*The Church as a mystery of communion.
Notes on Joseph Ratzinger's Eucharistic ecclesiology*

GILCEMAR HOHEMBERGER*

Resumo: O presente artigo visa refletir sobre a Igreja como mistério de comunhão, ideia central e fundamental nos documentos do Concílio Vaticano II. A teologia de Joseph Ratzinger busca entender e explicitar a Igreja como comunhão de maneira mais clara e traduzida de modo mais concreto na vida. A Igreja constitui um elemento concêntrico, em torno do grande núcleo, que é Cristo. Da centralidade da figura salvífica de Cristo nasce a compreensão da sacramentalidade da Igreja. A Liturgia Eucarística é o elo determinante entre Cristo e a Igreja. Nesta compreensão de que a Eucaristia faz a Igreja, Ratzinger desenvolve uma eclesiologia eucarística, salvífica e de comunhão.

Palavras-chave: Cristo. Igreja. Comunhão. Eucaristia. Joseph Ratzinger.

Abstract: The present article aims to reflect on the Church as a mystery of communion, a central and fundamental idea in the documents of the Second Vatican Council. Joseph Ratzinger's theology seeks to understand and explain the Church as communion more clearly and translated more concretely into life. The Church constitutes a concentric element, around the great nucleus that is Christ. From the centrality of the saving figure of Christ comes the understanding of the sacramentality of the Church. The Eucharistic Liturgy is the fundamental link between Christ and the Church. In this understanding that the Eucharist makes the Church, Ratzinger develops a eucharistic, salvific and communion-based ecclesiology.

Keywords: Christ. Church. Communion. Eucharist. Joseph Ratzinger.

* Gilcemar Hohemberger é Doutor em Teologia pela PUC-Rio e professor na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: gilcemar_h@hotmail.com

Introdução

O Concílio Vaticano II afirmou que a importância da Igreja deriva da sua conexão com Cristo, descrevendo-a como povo de Deus, Corpo de Cristo, Esposa de Cristo, templo do Espírito Santo, família de Deus, de tal modo que todas estas descrições se complementam e devem ser compreendidas à luz do mistério de Cristo, isto é, da Igreja em Cristo. A redescoberta da categoria de *mistério* aplicada à realidade mesma da Igreja é uma das heranças mais importantes que recebemos do Concílio Vaticano II, e ao mesmo tempo, nos remete a uma das afirmações basilares do mesmo Concílio, a saber, *a Igreja entendida como Comunhão*.

O conceito de *comunhão* foi posto novamente em voga pelos padres conciliares, para exprimir o núcleo essencial e profundo do Mistério da Igreja e pode ser pensado como uma segura chave de leitura para uma renovada eclesiologia católica. Esta verdade foi afirmada pelos padres sinodais no fim da II Assembleia Geral Extraordinária em 1985.¹ No *Relatio Finalis* (1985, p. 37), lemos: “a eclesiologia de comunhão foi a ideia central e fundamental dos documentos conciliares. Mas, esta realidade de comunhão não foi ainda compreendida e, menos ainda, posta em prática”. O conceito, mesmo que seja tradicional, foi resgatado à luz do Vaticano II, fazendo com que o princípio hermenêutico não seja mais a sociedade perfeita dos homens (puramente hierárquica), nem mesmo uma concepção sociológica unilateral, mas uma comunidade de índole escatológica (LG 7), um povo messiânico (LG 9), reunido na comunhão trinitária do Pai e do Filho no único Espírito.

Ratzinger se apropria da *Eclesiologia de Comunhão* como conceito base de toda eclesiologia conciliar. A palavra *Communio* não tem uma posição central nos textos conciliares, não obstante isto, ela pode servir como síntese para os elementos essenciais da eclesiologia conciliar (Cf. RATZINGER, 2004, p. 136). Nesse sentido, trata da expressão *comunhão* fundamentalmente como uma realidade eminentemente Trinitária, na qual encontraremos a origem mesma da Igreja e o modelo de vida dos cristãos: Comunhão com Deus por Jesus Cristo no Espírito Santo. Esta comunhão é expressa na Palavra de Deus e nos Sacramentos. Enquanto o Batismo é a porta e o fundamento da comunhão na Igreja, a Eucaristia pode ser considerada a fonte e o ápice de toda a vida cristã (cf. LG 11 e CL 19).

1 II ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, “*Relatio Finalis*” do Sínodo (1985). O Sínodo dos Bispos de 1985 teve como objetivo uma espécie de balanço dos vinte anos pós-conciliares, interpreta a eclesiologia do Concílio com um conceito básico: a Eclesiologia de Comunhão.

A *communio* pressupõe uma compreensão de Deus segundo a qual o Absoluto, longe de ser uma lei impessoal do mundo, se constitui antes como Verbo, Sentido, Amor, comunidade viva. Deste modo, o horizonte muito mais amplo em que decorreram os desenvolvimentos ulteriores sobre a Eucaristia fica iluminado por duas contribuições: o Deus trinitário vem a nós, é Deus conosco e Deus entre nós, o que significa também que, longe de caminharmos irremediavelmente para o vazio, nesta proximidade de Deus encontramos uma felicidade sem fim (RATZINGER, 2005, p. 14).

Desde o início da primeira Comunidade Cristã, a exigência de comunhão é fortemente presente e advertida, a partir da afirmação da Igreja pensada como *Corpo de Cristo*. É o símbolo da unidade, ou mais exatamente, da diversidade na unidade, que é usado para recordar e evocar a vida cotidiana da comunidade: “O pão que partimos não é a nossa comunhão com o Corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo” (I Cor 10, 16b-17), e ainda: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2, 42).

A comunhão dos cristãos com Jesus tem por modelo, fonte e meta a mesma comunhão do Filho com o Pai no dom do Espírito Santo: unidos ao Filho no vínculo amoroso do Espírito, os cristãos estão unidos ao Pai. Esta comunhão é o próprio Mistério da Igreja, como nos recorda o Concílio Vaticano II na célebre referência a São Cipriano: “A Igreja universal aparece como um povo unido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 1).

A fidelidade a esta perspectiva Trinitária e histórico-salvífica, recuperada pelo Concílio, nos permitirá ver sempre a Igreja no contexto da comunhão, compreendendo assim, as afirmações basilares a este respeito: “Povo de Deus” (LG 2), “Corpo de Cristo” (LG 3) e “Templo do Espírito Santo” (LG 4).

1 A proposta do Sínodo de 1985: a eclesiologia de comunhão

O Sínodo dos Bispos de 1985, celebrando os vinte anos do Concílio Vaticano II, produziu apenas dois documentos: *Mensagem ao Povo de Deus* e um *Relatório final*. A finalidade do Sínodo pode ser resumida em três verbos: *Celebrar*, *Verificar* e *Promover* o Vaticano II. Segundo Ratzinger (2015, p. 544), o tema de fundo do Sínodo era a questão da acolhida e interpretação do Concílio, de tal modo que se propôs um conceito central, a *communio*, que “compreendida corretamente, ela pode servir de síntese para os elementos essenciais da eclesiologia conciliar”.

A partir do “*Relatio finalis*”, podemos constatar que o Sínodo sublinha duas noções fundamentais do ser da Igreja: *mistério* e *comunhão*.² O Sínodo trata da *Koinonia* recordando toda a sua importância na Igreja primitiva e nas Igrejas orientais, exatamente como se havia feito na “Nota explicativa prévia” (n. 2 de *Lumen Gentium*). Ratzinger esclarece (2015, p. 225): “Esta eclesiologia da *communio* chegou a ser o autêntico coração da doutrina do Vaticano II sobre a Igreja, o elemento novo e, ao mesmo tempo, inteiramente ligado às origens que este Concílio quis oferecer”.

O Sínodo se pergunta também, o que significa esta complexa palavra *Comunhão*. Respondemos com a voz unânime dos Bispos: “Fundamentalmente, se trata da Comunhão com Deus, por meio de Jesus, no Espírito Santo. Esta comunhão se dá pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos” (“*Relatio finalis*”, 1985, p. 44). A Comunhão estabelece uma correlação tríplice: A unidade em que cremos (um só Deus e Pai, um só e único mediador Jesus e um só Espírito) corresponde à unidade que nos fundamenta e nos une no nível visível: Um só Batismo e uma só Eucaristia, que significam e edificam a unidade e a unicidade da Igreja-Mistério, a qual é o terceiro termo desta correlação, termo que abarca – como mistério e sacramento – a dimensão invisível e a mediação visível.

O Sínodo acentua a dimensão vertical e descendente da comunhão, assim como a sua realização sacramental pelo Batismo e pela Eucaristia. Deste modo, se realiza um tríplice nível de *Koinonia*: a comunhão intratrinitária, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como princípio exemplar e fundamento de todo tipo de comunhão aqui sobre esta terra; a comunhão realizada pelo Espírito no conjunto do *Corpo de Cristo*, que é a Igreja. Desta perspectiva, a Igreja é sinal e instrumento mediador da unidade entre os homens. Esta é sua missão; e um terceiro nível: a comunhão vivida por cada fiel, tanto em sentido vertical, como em sentido horizontal. O impulso desta caridade fraterna brota da Cruz e da ação do Espírito presentes hoje na Igreja: a reconciliação com Deus em Cristo no Espírito.

Ratzinger toma a proposta do Sínodo como proposição teológica da sua eclesiologia, embora fosse um conceito básico de seu trabalho teológico desde o começo de suas atividades acadêmicas (cf. SARTO, 2011, p. 113). Ele mesmo demonstra o apreço pela perspectiva desenvolvida no Sínodo, afirmando que pôs no centro de sua reflexão o conceito de *communio*:

2 Vale a pena recordar ainda, que pouco antes do Sínodo, a Comissão Teológica Internacional publicou um pequeno volume intitulado *L'unique Église du Christ*, Paris, 1985 (Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1984_ecclesiologia_sp.html). Se nota um interessante capítulo sobre *L'Église como mystère et sujet historique*. O prólogo é de Joseph Ratzinger.

Pode-se certamente dizer que aproximadamente a partir do Sínodo extraordinário de 1985, que devia tentar uma espécie de balanço de vinte anos de pós-concílio, uma nova tentativa tem-se difundido, que consiste em concentrar o conjunto da eclesiologia conciliar num conceito base: a eclesiologia de comunhão. Acolhi com alegria este novo recentramento da eclesiologia e também procurei, dentro das minhas capacidades, prepará-lo (RATZINGER, 2015, p. 543, tradução nossa).

Todavia, Ratzinger constata que nenhuma palavra é à prova de mal-entendidos, nem mesmo a melhor e mais profunda.

Na medida em que *communio* se tornou um slogan fácil, ela foi nivelada e deturpada. Como no caso do conceito de povo de Deus, também aqui se notou uma progressiva horizontalização, o abandono do conceito de Deus. A eclesiologia de comunhão começou a reduzir-se à temática da relação entre Igreja local e Igreja universal, que por sua vez tornou a cair cada vez mais no problema da divisão de competências entre uma e outra. Naturalmente, difundiu-se de novo o tema igualitarista, segundo o qual na *communio* só poderia haver uma igualdade plena. Chegou-se assim de novo exatamente à discussão dos discípulos sobre quem fosse o maior, que evidentemente em nenhuma geração pretende extinguir-se (Id., 2015, p. 546, tradução nossa).

Durante os anos sucessivos ao Sínodo de 1985, notou-se claramente, como já havia acontecido com a expressão *Povo de Deus*, muitos desvios no que diz respeito ao conceito *communio*.³ A difusão da mentalidade que concebia a comunhão como um igualitarismo, gerou uma falsa compreensão de que a Igreja nasce do povo, dos pobres, de baixo. Um exemplo típico foram algumas eclesiologias das *Igrejas do terceiro mundo*, que viram este modelo eclesiológico da Igreja-comunhão, com autonomia e originalidade, a partir de seu estado de opressão e dependência. Trata-se de uma *opção preferencial*, que interpreta os conceitos básicos da eclesiologia do Vaticano II, a partir da grande massa dos pobres, no espírito do sermão da montanha. A fidelidade aos princípios eclesiológicos mais fundamentais do Vaticano II não permite equiparar este modelo da Igreja-comunhão ao populismo, que afirma *a Igreja nasce do povo*, ou ainda com o elitismo fechado – ideal que seguem algumas comunidades

3 Esta crise da interpretação pós-conciliar, é determinada, em particular, por uma visão demasiada unilateral e excessivamente acentuada nos elementos desligados de seu conjunto. O conceito de Igreja *povo de Deus*, é definido de modo ideológico e desligado dos outros conceitos complementários de que falam os textos conciliares: *Corpo de Cristo*, *templo do Espírito*. A compreensão da Igreja como *mistério*, revela-se difícil para muitos cristãos. Daqui nasce, um certo gosto pelas oposições indevidas: Igreja-Instituição e Igreja-Mistério, Igreja-Povo de Deus e Igreja-Hierárquica.

de base – por tratar-se de tendências eclesiológicas que excluem, teórica e praticamente, elementos que são constitutivos da Igreja local.⁴

Por ser parte integrante da Igreja-Mistério, a realidade da comunhão não pode ser interpretada em nível sociológico ou psicológico. Deve-se sempre salvaguardar, que os vínculos que unem os membros do Povo de Deus não são aqueles de carne ou de sangue, mas obra do Espírito. Por isso, Ratzinger insiste que a comunhão se dá no “encontro com o Filho de Deus, Jesus Cristo [...] assim nasce a comunhão dos homens entre si, que por sua vez, se funda sobre a comunhão com o Deus Uno e Trino” (2004, p. 136-137, tradução nossa).

Nas entrelinhas da sua eclesilogia, compreendemos que Ratzinger aponta ao menos três princípios hermenêuticos para uma correta interpretação dos Documentos Conciliares para que o conceito *communio* não seja assumido unilateralmente: em primeiro lugar, devem-se entender todos os documentos em uma mútua interação, dando ênfase especialmente às quatro Constituições maiores; em segundo lugar, deve-se evitar colocar em jogo o caráter pastoral do Concílio contra o seu alcance doutrinal, ou ao contrário, criar oposição entre a letra e o espírito do Concílio e em terceiro lugar, o Vaticano II deve ser entendido em continuidade com a grande tradição da Igreja.

Diante das compreensões equivocadas e do reducionismo que sofreu o conceito, no ano de 1992, a Congregação para a Doutrina da Fé escreveu uma Carta intitulada *Communio notio*, a respeito de alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão. Esta Carta aos Bispos está em plena comunhão com a proposição do Sínodo dos Bispos de 1985 e a doutrina eclesiológica do Vaticano II. Para resumir os pontos principais desta carta, citamos uma

4 Vejamos, por exemplo, o que diz a Congregação para a Doutrina da Fé, através da Carta intitulada *Communio notio*, 11: “A redescoberta de uma *eclesilogia eucarística*, com os seus indubitáveis valores, exprime-se, porém, às vezes, com acentuações unilaterais a respeito do princípio da Igreja local. Afirma-se que onde se celebra a Eucaristia, far-se-ia presente a totalidade do mistério da Igreja, de modo que deveria considerar-se não-essencial qualquer outro princípio de unidade e de universalidade. Outras concepções, sob influxos teológicos diversos, tendem a radicalizar ainda mais esta perspectiva particular da Igreja, ao defenderem que é o próprio reunir-se em nome de Jesus (cfr. Mt 18, 20) que gera a Igreja: a assembleia que em nome de Jesus se torna comunidade, teria em si os poderes da Igreja, incluindo o relativo à Eucaristia; a Igreja, como dizem alguns, nasceria “das bases”. Estes e outros erros semelhantes não têm em conta suficiente que é a própria Eucaristia que torna impossível toda a autossuficiência da Igreja particular. Efetivamente, a unidade e a indivisibilidade do Corpo eucarístico do Senhor implicam a unicidade do seu Corpo místico, que é a Igreja una e indivisível. Do centro eucarístico surge a necessária abertura de cada comunidade celebrante, de cada Igreja particular: ao deixar-se atrair pelos braços abertos do Senhor consegue-se a inserção no Seu Corpo, único e indiviso. Até por isto, a existência do ministério Petriano, fundamento da unidade do Episcopado e da Igreja universal, está em correspondência profunda com a índole eucarística da Igreja”. O termo *Igreja popular* e *Igreja que nasce do povo* (utilizado por exemplo, por Leonardo Boff), é uma eclesilogia pouco feliz, já que o chamado da Igreja, pela fé, é sempre uma graça do alto. Ademais, é frequente apresentar a *Igreja popular*, em oposição a Igreja que, em certos ambientes da teologia da libertação, se qualifica como *oficial* ou *institucional*, que é pensada como *alienante*. A Conferência de Puebla rejeitou esta atitude como um desvio da eclesilogia do Vaticano II inspirada por conhecidos condicionamentos ideológicos.

visão geral do próprio prefeito desta Congregação, Joseph Ratzinger. O texto busca salvaguardar os critérios para uma compreensão correta da noção de *comunhão*, precisando-a sob três aspectos fundamentais:

- a) O conceito de *comunhão* em relação a outras noções centrais da eclesiologia, tais como *povo de Deus*, *corpo de Cristo* e *sacramento*.
- b) O conceito de *comunhão* em relação à *Eucaristia* e ao *episcopado*, pontualizando assim, o significado da unidade da Igreja, que se exprime na *recíproca interioridade* entre Igreja universal e Igreja particular.
- c) O conceito de *comunhão* em relação ao ligame entre os Bispos, e dentre eles, com o sucessor de Pedro, que é fundamento visível da unidade da Igreja, tendo presente a atenção e a exigência proveniente da prospectiva ecumênica.⁵

Assim, segundo a *Communio* *notio*, na eclesiologia de *comunhão* se fundamentam e se relacionam, reciprocamente, várias realidades essenciais para a Igreja, principalmente: *Igreja Local – Bispo – Eucaristia*. Tal é a centralidade da *communio*, na eclesiologia de Ratzinger: apresenta um caráter teológico e cristológico, histórico salvífico, eclesiológico e sacramental, de tal modo que faz uma síntese que retoma todas as intenções essenciais da eclesiologia do Vaticano II e as une entre si do modo correto; assim como nela se conjugam a Eucaristia como centro da Igreja, a catolicidade e a apostolicidade, os princípios do primado e da colegialidade por um lado e da fraternidade cristã na comunidade por outro (SARTO, 2011, p. 117).

2 A *communio* como conceito cristológico e eclesiológico⁶

O centro e o fundamento originário da *comunhão cristã* está na *crístologia*: *O Filho de Deus se fez homem por nós e para nossa salvação*, isto é, para restabelecer a *Communio* entre Deus e os homens (cf. RATZINGER,

5 Intervenção do Cardeal Joseph Ratzinger, na apresentação da Carta, em 15 de junho de 1992. In: CONGREGACION PARA LA DOCTRINA DE LA FE. *El misterio de la Iglesia y la Iglesia como comunión. Introducción y comentarios*: Card. Joseph Ratzinger. 3ª ed. Madrid: Ediciones Palabra, 1995, p. 103.

6 No Novo Testamento, o conceito de *comunhão* encontra sua expressão no termo *Koinonia* (19 vezes). Em São Paulo (14 vezes), o termo assume mais significados: indica a contribuição concreta de uma comunidade a outra que se encontra em necessidade, manifestando assim a caridade (Cf. II Cor 9, 13); descreve a participação da fé à vida de Cristo (I Cor 1, 9); no sofrimento (Fil 3, 10); e na consolação (II Cor 1, 57). O termo indica também a participação ao Corpo e ao Sangue do Senhor (I Cor 10, 16). A *comunhão* é dita também “do Espírito” (II Cor 13, 13). Todos os elementos essenciais do conceito cristão de *communio* encontram-se reunidos no famoso trecho de 1 Jo 1,3, que pode ser considerado o critério de referência para toda correta compreensão cristã da *communio*: “O que vimos e ouvimos, anunciamo-lo também a vós, para que também vós estejais em *comunhão* conosco. A nossa *comunhão* é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos, para que a nossa alegria seja perfeita”.

2004, p. 78). Segundo Ratzinger, “aqui está o ponto de partida da *communio*: o encontro com o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo, que vem aos homens no anúncio da Igreja. Assim surge a comunhão dos homens entre si, que, por sua parte, se baseia na comunhão com o Deus Uno e Trino” (2015, p. 544, tradução nossa). Cristo é a comunhão em pessoa. A Igreja, por sua vez, “a mais íntima comunhão com Cristo” (Id., 1987, p. 11, tradução nossa).

Em Jesus se realiza o novo acontecimento da entrada real na comunhão por parte do Deus único com os homens, encarnando-se na natureza humana. Natureza divina e natureza humana se compenetraram – ‘sem confusão e sem separação’ – na pessoa de Jesus Cristo. Aqui está a novidade cristã, o específico que determina a compreensão eclesial de *communio*: “a comunhão com a Palavra encarnada de Deus, que nos faz partícipes de sua vida através de sua morte, e desta maneira também nos quer conduzir ao serviço mútuo, à comunhão viva e visível” (Id., 2004b, p. 73, tradução nossa). Ratzinger (2000) aprofunda ainda mais a índole cristológica da *communio*:

À comunhão com Deus se tem acesso através daquela realização da comunhão de Deus com o homem que é Cristo em pessoa; o encontro com Cristo cria comunhão com Ele mesmo e portanto, com o Pai no Espírito Santo; e a partir daí une os homens entre si. Tudo isto tem por fim a alegria plena: a Igreja traz em si uma dinâmica escatológica.

O conceito *Koinonia*, no livro dos Atos dos Apóstolos (2, 42), assume, explicitamente, também um significado eclesiológico: A comunhão implica uma consciência comunitária de pertença a Cristo, os quais são considerados membros uns dos outros. A este ponto, aparece a estreita ligação entre o conceito de *Communio* e a compreensão da Igreja, como *Corpo de Cristo*. No texto dos Atos, se oferece um paradigma da comunidade cristã iluminada pela comunhão. Aqueles que a formam, devem permanecer unidos nestes quatro elementos essenciais da comunidade: oração, doutrina dos apóstolos, Eucaristia e a *Koinonia* entendida como *união fraterna entre os cristãos*. Os destinatários deste amor fraterno não são somente as pessoas individuais, mas o conjunto do *Corpo místico de Cristo*, vertebrado pelos pastores (sucessores dos apóstolos). Destarte,

Este caráter comunitário da Igreja compreende, necessariamente, seu caráter de “nós”: a Igreja não é algo que não sabe onde está; nós mesmos somos a Igreja. É certo que ninguém pode dizer: “eu sou a Igreja”, mas todos e cada um podemos e devemos dizer: *nós* somos a Igreja. E este “nós” não é, por sua vez, um grupo isolado, que se mantém no interior da comunidade inteira de todos os membros de Cristo, vivos e mortos (RATZINGER, 1987, p. 12, tradução nossa).

A comunhão é o princípio, o ponto de partida e de chegada, o objetivo e a finalidade de toda forma de existência eclesial, de todo relacionamento na Igreja, Povo de Deus em caminho. A comunhão eclesial, portanto, é a espinha dorsal de todo o ser e agir da Igreja. Este dom de comunhão, à luz desta nova perspectiva de eclesiologia, explicita-se em todas as formas de serviço, se alimenta e enriquece, tornando-se empenhativa nos ministérios ordenados e nas variedades de dons e carismas concedidos a todo o Povo de Deus, em vista da edificação do Corpo de Cristo, através da comunhão.

Todos estes conceitos bíblicos e as mais variadas imagens sobre a realidade da comunhão, no Novo Testamento, iluminam e enriquecem ainda mais o originário sentido da comunhão cristã, ajudando-nos assim, a evitar alguns equívocos, em especial, a compreensão meramente horizontal da Igreja (visão essencialmente sociológica). A Igreja tem, na relação com Cristo (dimensão vertical), em sua proveniência e em sua orientação, a condição de sua existência. A Igreja é, por natureza, uma relação fundada pelo amor de Cristo, que por sua vez, funda também uma nova relação recíproca entre os homens (cf. RATZINGER, 2004a, p. 80).

3 Eclesiologia Eucarística de Comunhão

O Cálice por nós abençoado não é a nossa comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que nós repartimos não é a nossa comunhão com o corpo de Cristo? Porque existe um só pão e nós, mesmo sendo muitos, formamos um só corpo (1 Cor 10,16).

Neste momento queremos apontar a Eucaristia como ponto máximo da Eclesiologia de Comunhão de Joseph Ratzinger. Na Eucaristia se dá a comunhão com o Deus e a comunhão entre os cristãos. É a eclesiologia de comunhão viva e encarnada. A Eucaristia é o lugar privilegiado, em que a comunhão é, constantemente, anunciada e cultivada, é “o resumo e a súpula da nossa fé” (CIgC, 1327). A Eucaristia é, portanto, entendida como *Sacramentum Unitatis*;⁷ é o mistério acreditado, o mistério celebrado, o mistério vivido.⁸

Para Ratzinger, “a eclesiologia de comunhão é, desde seu íntimo, uma eclesiologia eucarística. Nela, a eclesiologia torna-se mais concreta e

7 O Papa João Paulo II, através da Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine* (07 de Outubro de 2004), instituiu, do mês de outubro de 2004 a outubro de 2005, o Ano Eucarístico para toda a Igreja Universal. O início foi marcado pelo Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Guadalajara (México) e para o encerramento, uma Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, no Vaticano, de 2 a 29 de Outubro, com o tema *A Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Nesse momento, Ratzinger já tinha sido eleito para o ministério petrino e, como Papa Bento XVI, assina a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (2007).

8 Referimo-nos às três partes da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*.

permanece, porém, ao mesmo tempo totalmente espiritual, transcendente e escatológica” (2015, p. 545, tradução nossa). Na *eclesiologia eucarística de comunhão* encontramos uma síntese que une o discurso da Igreja ao discurso de Deus e à vida de Deus e com Deus, pois “a fé da Igreja é, essencialmente, fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia” (BENTO XVI, SC, 6). A Igreja *communio* é, portanto, portadora de uma dimensão sacramental, porque ela é, interiormente, eucarística:

Na Eucaristia, Cristo, presente no pão e no vinho e dando-se sempre novamente, edifica a Igreja como seu corpo e, por meio do seu corpo de ressurreição, nos une ao Deus uno e trino e entre nós. A Eucaristia é celebrada em diferentes lugares, porém é, ao mesmo tempo, sempre universal, porque existe um só Cristo e um só corpo de Cristo. A Eucaristia inclui o serviço sacerdotal de “*repraesentatio Christi*” e portanto, a rede do serviço, a síntese de unidade e multiplicidade, que já se evidencia na palavra *Communio* (2015, p. 545, tradução nossa).

A comunhão no Mistério de Cristo, que constitui a realidade profunda do Mistério da Igreja, se realiza plenamente na Eucaristia. É esta a afirmação central de eclesiologia eucarística. Por outro lado, a própria redescoberta da função eclesiológica da Eucaristia (a partir dos Padres da Igreja, da noção do mistério do culto da Igreja e da influência de algumas correntes ortodoxas), constituiu como um *humus* doutrinal para a afirmação da eclesiologia de comunhão e, conseqüentemente, para a revalorização da Igreja Local, bem como da ideia de colegialidade.

É por esta razão que cada celebração eucarística tem a estrutura da *Communicantes*, da comunhão com o Senhor, com a Criação e com os homens de todos os tempos e de todos os lugares. Deveríamos ainda ter presente no nosso espírito que não podemos estar em comunhão com o Senhor, se não estivermos em comunhão uns com os outros, que, se estamos unidos a Ele, também temos de estar unidos uns aos outros e assim, formarmos uma unidade. É com base nestes pressupostos que, na celebração da Eucaristia, o Papa e o Bispo são referidos pelo nome; não se trata de um simples acaso externo, mas de uma necessidade interna, porquanto a celebração da Eucaristia *não é apenas um encontro entre o Céu e a Terra, mas também encontro entre a Igreja do passado e a do presente, entre a deste lugar e a daquele outro*. A Eucaristia pressupõe a entrada visível na sua unidade visível e manifesta. Os nomes do Papa e do Bispo significam que celebramos, realmente, a *mesma* Eucaristia de Jesus Cristo e que só a podemos receber na *mesma* Igreja (RATZINGER, 2005, p. 12).

Assim como a Igreja é comunhão, a Eucaristia também o é, porque ela é o sinal (sacramento) e o instrumento com o qual Deus edifica a sua Igreja, como *comunhão no Espírito* (2 Cor 13,13). A Eucaristia, portanto, está na origem da comunhão eclesial: “Sendo um só pão, todos os que participam deste pão único formamos um só corpo” (2 Cor 10,17).

3.1 A Eucaristia: fonte e epifania de comunhão

Se existe uma exigência que se destaca como vital e essencial, desde o início da Igreja Primitiva, é aquela da *Koinonia*, expressa na fração do Pão, intimamente ligada à imagem do *Corpo de Cristo*. No início do segundo século, a *Didaqué* (cap. IX, 4) desenvolve ainda mais esta imagem, na oração eucarística: “Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas, e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja, desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre”.

Em outras palavras, a Unidade da Igreja, seja no nível das Igrejas Locais, seja daquela Universal, é imagem da Eucaristia e se realiza com a Eucaristia. Mais exatamente, o Sacramento da Comunhão com Cristo nos chama a viver em comunhão com os irmãos, no seio do mesmo corpo eclesial.⁹ Nesta perspectiva, afirma a *Lumen Gentium* 7: “Participando realmente do Corpo do Senhor e na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós”.

Não nos resta senão afirmar que na celebração eucarística, a comunhão significa a participação no banquete, o ato de receber o Corpo de Cristo como verdadeiro alimento e seu Sangue como verdadeira bebida. O próprio Cristo convida-nos a recebê-lo, neste sacramento, para entrarmos em comunhão com a sua vida divina: “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a Carne do Filho do homem e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vós” (Jo 6, 53).

O Catecismo da Igreja explica que um dos nomes da Eucaristia é também aquele de *Comunhão*, propriamente, por este motivo: “Comunhão, porque é por este sacramento que nos unimos a Cristo, que nos torna participantes do seu Corpo e do seu Sangue, para formarmos um só corpo” (CIgC, 1331). Um dos frutos da Comunhão, afirma ainda o Catecismo, é

⁹ Santo Agostinho exprimirá esta relação entre o corpo sacramental e o corpo eclesial, com a famosa frase: “Recebestes o Corpo de Cristo, transformai-vos no Corpo de Cristo. Estejais unidos com vínculos de vida fraterna, de divisão, de solidariedade”. Leão Magno, também afirmou a mesma coisa em outras palavras: “A participação do corpo e sangue de Cristo não faz outra coisa senão transformar-nos naquilo que tomamos”. São Tomás de Aquino também assinala na *Suma Teológica* estes dois efeitos, ao afirmar: “A Eucaristia significa o Corpo místico de Cristo, isto é, a união dos fiéis, e receber a Eucaristia, significa professar-se unido a Cristo” (*S. Theol.* III, q. 80, a.4.).

umentar nossa união com Cristo Jesus. Receber a Eucaristia na comunhão traz, como fruto principal, a união íntima com Cristo Jesus. Pois o Senhor diz: “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e eu nele” (Jo 6, 56). A vida em Cristo tem o seu fundamento no banquete eucarístico: “Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim” (Jo 6, 57).

Na Eucaristia, o mistério da comunhão é perfeito, e através dela, a nossa comunhão com Deus, através da Igreja, conhece o seu ponto culminante. A Eucaristia, em que se desenvolve a ação do Filho e do Espírito, é também o manancial da unidade da Igreja. Para o Concílio, o sacramento do pão eucarístico representa e realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (Cf. LG, 3; EE 21 e 1 Cor 10, 17).

A Igreja, enquanto povo de Deus que caminha rumo à Jerusalém celeste, recebe do próprio Deus, a missão de promover e manter a comunhão dos seus filhos com a Trindade, e esta mesma comunhão entre eles. Durante toda a experiência cristã-eclesial, nunca houve dúvida de que a Eucaristia é o Sacramento que melhor realiza esta sua realidade e missão. Sendo assim, redescobrimos também a Eucaristia como *fonte da unidade eclesial*, e sua máxima manifestação. A Eucaristia é *epifania de comunhão*. Além do mais, é comunhão *hierárquica*, fundada na consciência das diversas funções e ministérios, continuamente reafirmada, inclusive na Oração Eucarística, através da menção do Papa e do Bispo diocesano. É comunhão *fraterna*, cultivada com uma *espiritualidade de comunhão*, que nos leva a sentimentos de recíproca abertura, estima, compreensão e perdão.

As circunstâncias mesmas da Instituição da Eucaristia confirmam o desígnio divino de promover, entre os membros do Corpo de Cristo, a unidade. Tudo nos leva a crer, que o contexto em que os discípulos viviam, era ainda marcado pela mentalidade de *qual deles fosse o maior* (cf. Lc 22-24). Na realidade humana, as refeições costumam reunir as pessoas; intencionalmente, Jesus escolhe uma refeição para congregar os seus, num gesto eterno de comunhão e unidade.

O Amor de Deus, do qual a Eucaristia é o sacramento máximo, geralmente faz sempre referência ao amor fraterno, à comunhão, à unidade mesma que a Eucaristia cria entre aqueles que participam do mesmo pão (Cf. I Cor 11, 15-17). Por isso, Ratzinger afirma que a Eucaristia

Não é simplesmente um evento entre dois protagonistas, um diálogo entre Deus e eu. A comunhão eucarística tende a uma transformação total da própria vida. Com força escancara o eu inteiro do homem e cria um novo nós. Necessariamente, a comunhão com Cristo se revela também, como uma comunicação com todos aqueles que lhe pertencem: Nela, eu venho a fazer parte deste novo pão que Ele cria na transubstanciação da inteira realidade criada (2004a, p. 80, tradução nossa).

Em suma, celebrar e viver a Eucaristia é celebrar e viver o núcleo, o resumo de toda a nossa fé.¹⁰ Significativa é a afirmação da *Lumen Gentium* 11: a Eucaristia é a fonte e o ápice de toda a vida cristã. Toda a comunhão desejada pelos cristãos está, realmente, já presente na Eucaristia. A comunhão de vida com Deus Uno e Trino e a mesma unidade do povo de Deus em caminho, pelas quais a Igreja é ela mesma, a Eucaristia significa-as e as realiza plenamente.¹¹

É no momento da Eucaristia, alimento do Espírito, que a assembleia, reunida como povo de Deus, profético e sacerdotal se faz, verdadeiramente Cenáculo, é ali que se faz, verdadeiramente, a experiência de *ser Igreja*: a Igreja de Cristo Ressuscitado, a Igreja de Pentecostes, a Igreja-Comunhão reflexo da Trindade Santa.

3.2 A Igreja como comunhão vive e cresce da Eucaristia

A expressão usada na antiguidade cristã – *corpus Christi* – designa o “corpo nascido da Virgem Maria, o corpo eucarístico e o corpo eclesial de Cristo” (BENTO XVI, 2007, 15). A Eucaristia torna-se, então, constitutiva do ser e do agir da Igreja. Na teologia de Joseph Ratzinger, desde o seu começo, a Eucaristia ocupa um lugar central e é dela que, de modo particular, depende a sua compreensão da Igreja. “A Igreja nasce e consiste em o Senhor se comunicar aos homens, com eles entrar em comunhão e levá-los à comunhão mútua. A Igreja significa uma comunhão de Deus conosco que, simultaneamente, cria a verdadeira comunhão dos homens entre si” (RATZINGER, 2005, p. 13). Ao longo de toda sua reflexão, como professor e cardeal, se esforça para mostrar a racionalidade do culto cristão, a dimensão eclesial da liturgia, a íntima relação entre Igreja e Eucaristia. Buscou demonstrar que a Eucaristia é, antes de tudo, fonte e centro da Igreja, que seu objetivo primeiro e último é constituir o Corpo de Cristo, que é a Igreja (cf. MARTUCCELLI, 2001, p. 416).

10 Sobre este ponto, Irineu dizia: “Nossa maneira de pensar concorda com a Eucaristia, e a Eucaristia, por sua vez, deve confirmar a nossa maneira de pensar” (IRINEU, *Adv. Haer.* 4, 18, 5).

11 A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (2007) aborda a relação entre Eucaristia e comunhão eclesial, e afirma que a Eucaristia é “constitutiva do ser e do agir da Igreja” (n.15) e, por isso, a “Eucaristia aparece na raiz da Igreja como mistério de comunhão”. Jesus Cristo tornou isto possível através de seu sacrifício na cruz, por meio do qual manifesta seu amor pela humanidade, e se torna presente na Eucaristia, como afirma Bento XVI, na Encíclica *Deus Caritas est* 13: “Jesus deu a este ato de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia, durante a Última Ceia. Antecipa a sua morte e ressurreição, entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná (Jo 6,31-33). Se o mundo antigo tinha sonhado que, no fundo, o verdadeiro alimento do homem — aquilo de que este vive enquanto homem — era o *Logos*, a sabedoria eterna, agora este *Logos* tornou-Se verdadeiramente alimento para nós — como amor. A Eucaristia arrasta-nos no ato oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. (...) A “mística” do Sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é de um alcance muito diverso e conduz muito mais alto do que qualquer mística elevação do homem poderia realizar”.

Da fase anterior ao Concílio Vaticano II, até o presente, foi-se formando, sem interrupção, um fio condutor sobre a compreensão da Eucaristia e da Igreja, como comprovam as publicações e as conferências de Joseph Ratzinger. Esta eclesiologia eucarística encontra nos próprios textos conciliares a sua expressão, incentivando-o a dar maior atenção à centralidade da Eucaristia na Igreja, e sua força de instauração da comunhão entre Deus e os homens, de tal modo que, pela Eucaristia, Cristo nos incorpora a todos no Pai. Na Eucaristia, fica estabelecida uma *comunhão entre Deus e o homem*.

Ratzinger reconhece que a Última Ceia de Jesus é autêntico ato de fundação da Igreja (cf. JROC, VIII-1, 2015, p. 225). Por isso, sua eclesiologia eucarística parte do evento pascal, do mistério da Palavra, da Morte e da Ressurreição de Cristo. O evangelista João insere a sua versão da Páscoa de Jesus entre duas cenas cheias de significado, através das quais simboliza o sentido da Sua vida e da Sua Paixão, para permitir que nela descubramos a fonte da vida cristã, a origem e o sentido dos sacramentos. Para Ratzinger, estes dois acontecimentos são: o relato do lava-pés, no início da narrativa da Paixão e, no fim, a solene e comovente narração da *perfuração do lado*. Além disso, João teve ainda o grande cuidado de datar, com exatidão, o dia da morte de Jesus.

A atitude de Jesus no Lava-pés (Jo 13), durante a última ceia no Cenáculo, mostrou a via de solução para todas as disputas humanas do orgulho e do egoísmo que atentam, constantemente, contra a comunhão entre os homens. Um simples exemplo não bastava, precisávamos da força para seguir este exemplo: a Eucaristia. Inaugurando a ceia Eucarística, Jesus dava aos seus discípulos uma força espiritual superior, que os unia uns aos outros, e que haveria de possibilitar-lhes permanecer nesta unidade. Com a Eucaristia, podia assegurar o cumprimento do ideal proclamado: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”, porque a própria Eucaristia é uma fonte constante de unidade para a comunidade cristã. João vincula a Ceia ao lava-pés e à oração pela unidade. Portanto, a Eucaristia possui também esta intenção de desenvolver um novo amor fraterno, à semelhança do amor entre Cristo e o Pai.

Associado a esta realidade do lava-pés, João nos mostra que Jesus morreu, exatamente, na mesma hora em que, no templo, eram sacrificados os cordeiros para a festa da Páscoa. Desse modo, “o registro sobre o momento da morte permite depreender que é Ele o verdadeiro cordeiro pascal, aquele que põe fim à imolação de outros cordeiros, porquanto com a Sua vinda foi-nos dado o Cordeiro” (RATZINGER, 2005, p. 49). Imagem que está em sintonia com o início do evangelho, quando João Batista identifica-o como “o cordeiro que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), de tal modo que “Jesus é o Cordeiro escolhido pelo próprio Deus. Na Cruz, Ele carrega o pecado do mundo e ‘tira-o para fora’” (Id., 2011, p. 184).

São João fala do *lado* trespassado de Jesus, com o mesmo termo que é usado no relato da criação de Eva e que é traduzido, normalmente, como *costela*

de Adão. Através desta expressão, João descreve Jesus como o novo Adão, que mergulha na noite do sono da morte para aí iniciar a criação de uma nova humanidade. Do Seu lado aberto, todo ele expressão de uma entrega amorosa, mana uma fonte que fecunda a história na sua totalidade. Da Sua entrega à morte jorram sangue e água, a Eucaristia e o Batismo, fontes de uma sociedade nova. Tal como Ratzinger compreende a partir da Teologia dos Santos Padres:

Os Padres viram neste duplo fluxo de sangue e água uma imagem dos dois sacramentos fundamentais – a Eucaristia e o Batismo – que brotam do lado trespassado do Senhor, do seu coração. São a corrente nova que cria a Igreja e renova os homens. Mas os Padres, diante do lado aberto do Senhor que dorme na cruz o sono da morte, pensaram também na criação de Eva, a partir do lado de Adão adormecido, vendo assim na corrente dos sacramentos, ao mesmo tempo, a origem da Igreja; viram a criação da nova mulher a partir do lado do novo Adão (2011, p. 185).

Portanto, “o lado aberto é o lugar primordial do qual procede a Igreja, do qual procedem os sacramentos com que se edifica a Igreja” (Id., 2005, p. 50). O lado aberto é o fundamento cristológico da Igreja que procede do novo Adão, mas também o significado da Ceia. A ceia por si não tem alcance eclesiológico e salvífico, mas na cruz de Cristo, no sangue derramado, adquire valor redentor para a Igreja. Através da ceia, por sua vez, Cristo antecipa a Sua morte, converte essa morte num acontecimento de amor, transforma o absurdo da Sua morte no sentido novo que nos abre. Eucaristia e Cruz estão mutuamente relacionadas. Através da Morte de Cristo, Ceia e Cruz adquiriram uma transcendência e uma capacidade criadora que ultrapassa a dimensão temporal. Assim como se a ressurreição não tivesse acontecido, a morte teria desembocado no vazio e as palavras da Ceia teriam sido proferidas em vão.

Na ressurreição tornou-se claro que aquelas palavras haviam sido pronunciadas pelo poder divino em todo o seu vigor, que o Seu amor é efetivamente tão forte que irrompe para lá da morte. Ficam, assim, entrelaçadas a Palavra, a Morte e a Ressurreição; a tradição cristã chama Mistério Pascal a esta tríade constituída pela palavra, pela morte e pela ressurreição. É esta mesma tríade que nos permite penetrar um pouco no próprio mistério do Deus trino. Palavra, Morte e Ressurreição, unidas entre si, constituem a única totalidade; só possuem verdadeira consistência quando se apresentam as três em simultâneo; este mistério pascal, único em si mesmo, é a origem donde mana a Eucaristia (Id., 2005, p. 51).

Por isso, a Eucaristia não é simplesmente uma refeição, está longe de ser um simples alimento, pois custou a morte de alguém e porque nela está presente o caráter “majestoso” da morte, a força da Ressurreição de Cristo.

A Eucaristia nunca é a simples ação de uma comunidade, mas aquilo que foi concedido pelo Senhor à Igreja, por isso, a Eucaristia nunca pode ser usada a nosso bel-prazer como meio; ela é dom do Senhor, o verdadeiro centro da Igreja, do qual não podemos dispor como nos aprouver. Também não pode ser celebrada como um culto qualquer, com mera superficialidade, distração, evasão. Nela, a Igreja não apenas recorda o sacrifício de Cristo, mas atualiza: “a Eucaristia é sacrifício, atualização do sacrifício da cruz de Jesus Cristo”. O Cristo que se entregou por todos deseja, pela Eucaristia, reunir a todos. Assim, a Eucaristia congrega num só povo (Igreja) aqueles todos pelos quais Cristo se entregou. Um único *Homem* morreu por toda a humanidade, para reunir os dispersos, pois Deus, por si mesmo, não põe fronteiras: “Ele, um só, morreu por todos” (2 Cor 5,14).¹²

Há *um* só Cristo e, onde quer que a Eucaristia seja celebrada, ali está Ele plenamente presente. Na mais humilde igreja de uma aldeia, quando a Eucaristia é celebrada, torna-se presente, inteiro, o mistério da Igreja, o seu centro vital, o Senhor. Todavia, este Cristo total só pode ser *o mesmo*, e por isso só podemos reparti-Lo com todos os demais. Ele é o mesmo aqui, em Roma, na América, na Austrália ou em África, e, porque é *o mesmo*, só O podemos receber na unidade; quando agíssemos contra a unidade ficaríamos impedidos de nos encontrarmos com Ele (RATZINGER, 2005, p. 61).

A Eucaristia, como *Sacramentum unitatis*, fortalece os vínculos de comunhão, pois a comunhão com o Senhor nos coloca em comunhão uns com os outros. Se estamos unidos a Ele, também temos de estar unidos uns aos outros e assim formarmos uma unidade. Por isso, na celebração da Eucaristia, o Papa e o Bispo são referidos pelo nome; não se trata de um simples acaso externo, mas de uma necessidade interna, porquanto

A celebração da Eucaristia *não é apenas um encontro entre o Céu e a Terra mas também encontro entre a Igreja do passado e a do presente, entre a deste lugar e a daquele outro*. A Eucaristia pressupõe a entrada visível na sua unidade visível e manifesta. Os nomes do Papa e do Bispo

12 Aqui vale uma nota sobre a discussão relacionada à tradução portuguesa *por todos* e não *por muitos*, tal como se encontra no missal romano e no Novo Testamento grego, do relato da instituição do novo missal. Em todo o Novo Testamento, e ao longo de toda a tradição da Igreja, sempre foi claro que Deus quer salvar todos os homens e que Jesus não morreu por uma parte da humanidade, mas por todos: “Cristo Jesus, que Se entregou como resgate por todos” (1Tm 2,6). Mas deve-se acrescentar também que Deus não impõe a ninguém a sua salvação, mas aceita a livre opção humana. Ratzinger fala que as duas fórmulas, *por todos* e *por muitos*, exprimem, por um lado o caráter salvífico universal da morte de Cristo, que sofreu por todos, por outro lado, como limite do acontecimento salvífico, afirmando a liberdade de a recusar. Por isso, ele deixa aberta a questão para que cada Conferência Episcopal faça sua tradução (RATZINGER, 2005, p. 44-45).

significam que celebramos realmente a *mesma* Eucaristia de Jesus Cristo e que só a podemos receber na *mesma* Igreja (RATZINGER, 2005, p. 61).

“A Igreja é comunidade eucarística” (Id., 2005, p. 134), por isso “a Igreja é comunhão, e comunhão exatamente com todo o corpo de Cristo” (Id., 1992, p. 46). Ela não é simplesmente um povo; constituída por muitos povos, a Igreja transforma-se num só povo graças à mesa única, que o Senhor preparou para todos nós, logo “a *communio* encerra a dimensão do católico. A Igreja, ou é católica, ou não existe” (Idem, p. 47). A Igreja é, por assim dizer, “uma rede de comunidades eucarísticas e permanece sempre unida através de um único corpo, que todos comungamos” (Id., 2005, p. 134), por isso, na eucaristia, a Igreja é universal.

Na Eucaristia, Cristo está inteiro, em qualquer lugar, de tal modo que, “onde quer que a Eucaristia seja celebrada, aí estará presente o mistério completo da Igreja. [...] na Eucaristia é a totalidade de Cristo que está em questão” (Id., 2005, p. 140). A celebração da Eucaristia não pode dividir a Igreja, exige a unidade de cada comunidade com toda a Igreja. A Eucaristia tem a ver com Cristo, por isso ela é o sacramento da unidade da Igreja.

A Eucaristia é o acontecimento através do qual Cristo reedifica o Seu corpo e nos incorpora a nós mesmos, num único pão, num único corpo. O conteúdo, o acontecimento da Eucaristia pressupõe que os cristãos, a partir da sua dispersão, se reúnem na unidade do único pão e do único corpo. A Eucaristia deve ser compreendida, portanto, como plenitude dinâmico-ecclesiológica; é o acontecimento vivo através do qual a Igreja se renova constantemente como Igreja (Id., 2005, p. 133-134).

Destarte, a Igreja é *sacramentum salutis*. A Igreja não é parte das ordens visíveis do mundo, nem uma *civitas platonica* como mera comunidade espiritual, senão um sacramento: isto é, um *signum sacrum* (cf. Id., 2004, p. 78); um sinal visível que sem embargo não se esgota na visibilidade, mas segundo todo seu ser, não é outra coisa senão a referência e o caminho para o invisível. Assim, para Ratzinger, a Igreja é uma comunidade cúltica:

Ao chamar a Igreja de Sacramento se aprofunda e se clarifica o conceito de Igreja e se dá resposta à busca de unidade da humanidade de nosso tempo. A Igreja não é uma organização externa da fé, mas é por sua própria essência comunidade cúltica; ali é mais Igreja onde celebra a liturgia e faz presente o amor redentor de Jesus Cristo, que com o amor libera os homens de sua solidão e conduz, comunitariamente, uns aos outros, enquanto os conduz a Deus (Id., 2005b, p. 134).

Ratzinger entende que, pelo fato de o sacramento ser um acontecimento litúrgico, é sempre uma realização comunitária, portanto rompe com a concepção individualista antropológica através da *unitatis* (a unidade dos homens entre si) e a concepção individualista dos sacramentos – como meios da graça – para fincar a existência humana na *communio* (comunhão com Deus).¹³ Assim, a Igreja resulta de uma maior percepção dos sacramentos como expressão e fermento da comunidade eclesial, e como os elementos que estimulam a Igreja a partir da Eucaristia (cf. MARTUCCELLI, 2001, p. 423). No sacramento, a Igreja se realiza como congregação de Deus, isto é, nos sacramentos se dá a realização vital da Igreja, como povo de Deus e Corpo de Cristo.

Esta é, certamente, uma das principais percepções da eclesiologia ratzingeriana. Ele compreende que não podemos tratar dos três conceitos centrais da eclesiologia conciliar isoladamente, mas como realidades intimamente unidas: a Igreja é o povo de Deus, que vive do Corpo de Cristo e se faz o mesmo Corpo de Cristo na celebração (sacramental-comunitária) da Eucaristia. De tal modo, que o povo de Deus é a comunidade sacramental do Corpo de Cristo, não de um modo simbólico, mas como comunidade eucarística, realidade histórico-social visível. Portanto, Ratzinger encontra na Eucaristia o motivo central de sua eclesiologia (cf. NICHOLS, 1988, p. 53).

Na Eucaristia, assim como o Sinai (Ex 19), se estipula um pacto que constrói o novo povo de Deus. No acontecimento eucarístico, Cristo inclui os discípulos na relação que tem com o Pai e, conseqüentemente, em sua missão, que se dirige a todos os homens de todos os tempos.

Estes discípulos se convertem em “povo” através da comunhão com o Corpo e com o Sangue de Jesus, que é ao mesmo tempo comunhão com Deus. A ideia veterotestamentária de aliança aceita por Jesus em sua predicação recebe um novo centro na comunhão, com o corpo de Cristo. Poderíamos dizer que o povo da nova aliança se converte em povo a partir do Corpo e do Sangue de Cristo, e só a partir deste centro é povo. Podemos chamá-lo “povo de Deus” porque pela comunhão com Cristo se abre a relação com Deus, que o homem não está em condições de estabelecer por si mesmo (RATZINGER, 2005d, p. 16, tradução nossa).

A Igreja, nascida na Eucaristia, como corpo de Cristo, se constitui como nova comunidade visível de salvação, com uma finalidade muito

13 Na oração cristã (liturgia) a Igreja se mostra visivelmente como comunidade (particular), mas em unidade com a Igreja de todos os tempos e lugares (universal): “É próprio da oração cristã e do ato de fé cristão esta referência ao todo, esta superação das barreiras do particular. A liturgia não consiste em celebrações levadas a cabo por determinado clube ou círculo de amigos; ela provém do todo e terá de ser celebrada a partir do todo e para o todo. A nossa fé e a nossa oração só serão corretas quando aí prevalecer a auto-superação, a renúncia ao que é nosso. Tudo isto nos conduz à Igreja de todos os tempos e de todos os lugares, esta é a essência da catolicidade” (RATZINGER, J. 2005, p. 140).

específica: buscar a união dos elementos internos e externos, de santidade e estrutura visível, especialmente, criar e reforçar a unidade da Igreja total. Na Eucaristia a Igreja tem seu permanente centro vital gerador da *communio*: entramos em comunhão com seu Corpo histórico e com seu Corpo Místico através da comunhão com seu Corpo Eucarístico.

Na oração fundamental da Igreja, a Eucaristia não é apenas o centro da sua vida que aí se exprime, mas é também a própria Igreja que nela consoma a sua identidade dia após dia. A Eucaristia, na sua dimensão mais profunda, tem apenas a ver com Cristo. É Ele quem roga por nós e coloca nos nossos lábios a Sua oração, pois só Ele pode dizer: *Isto é o meu corpo, isto é o meu sangue*. É Ele, pois, quem nos introduz na Sua vida, naquele ato de amor eterno em que Se entrega ao Pai. É por Seu intermédio que nós passamos a ser também, com o próprio Cristo, oferenda ao Pai. Eis de que modo a Eucaristia se constitui como sacrifício: é entrega a Deus em Jesus Cristo e, nesse mesmo ato, torna-se também oferenda que acompanha o dom do Seu amor. Na verdade, Cristo é, simultaneamente, oferente e oferta, por Ele, com Ele e n'Ele é que nós celebramos a Eucaristia (Id., 2005, p. 139).

A eclesiologia eucarística, em Ratzinger, está em estreita união com a compreensão de Corpo de Cristo, pois “a Eucaristia é nossa participação no acontecimento pascal e, desta forma, constitui a Igreja, o Corpo de Cristo. A partir disso se percebe a necessidade salvífica da Eucaristia. A necessidade da Eucaristia é idêntica à necessidade da Igreja e vice-versa” (Id., 2004, p. 82). A Igreja é, portanto, comunidade eucarística necessária para a salvação, pois pela eucaristia podemos aderir ao mistério íntimo da comunhão entre Deus e Homem, no sacramento do corpo do Ressuscitado. A centralidade da Eucaristia na vida e no ser da Igreja é tal, que se pode afirmar que “a Igreja é Eucaristia” (Id., 2005d, 45).¹⁴

Conclusão

Na teologia de Ratzinger, a Igreja constitui um elemento concêntrico, em torno do grande núcleo que é Cristo. A Igreja está, inseparavelmente, unida

14 Também os documentos magisteriais caminham nessa compreensão. Bento XVI diz que a Eucaristia é o “princípio causal da Igreja” (*Sacramentum Caritatis* 14) porque Jesus “gerou a Igreja como sua esposa e seu corpo”. De seu lado aberto, do qual jorrou sangue e água, brotaram os sacramentos da Igreja. Por isso, a Igreja como comunhão vive e cresce da Eucaristia. O Papa João Paulo II, neste sentido, afirmou existir “um influxo causal da Eucaristia nas próprias origens da Igreja” (*Ecclesia de Eucharistia*, 21). Ao contemplar “aquele que traspassaram” (Jo 19,37) na cruz é possível perceber que a Igreja “vive da Eucaristia”, pois ela torna presente o sacrifício redentor de Cristo.

à pessoa de Jesus Cristo. A Igreja é a casa, o templo pneumático, o espaço para o encontro performativo com Cristo. Da centralidade da figura salvífica de Cristo nasce a compreensão da sacramentalidade da Igreja. Portanto, há um íntimo vínculo entre as realidades Cristo e Igreja, na Liturgia. A Liturgia Eucarística é o elo determinante entre Cristo e a Igreja e, por isso, ocupa um lugar central e prioritário na reflexão ratzingeriana. A própria compreensão da Igreja deve nascer da Liturgia: uma eclesiologia eucarística. Se Jesus Cristo se faz realmente presente na Eucaristia, esta se constitui na origem da Igreja. Esta será uma *ekklesia*, uma reunião em torno da Palavra e do corpo e sangue de Jesus Cristo, por isso, Cristo e a celebração de seu ministério pascal devem ocupar, de verdade, o centro da vida da Igreja. Nesta compreensão de que a Eucaristia faz a Igreja, Ratzinger desenvolve uma eclesiologia eucarística, salvífica e de comunhão.

Na perspectiva eclesiológica ratzingeriana, corpo eucarístico e corpo místico se encontram intimamente entrelaçados. A Apostolicidade está unida a esta realidade como um dos pontos centrais e estruturantes da presente eclesiologia. Portanto, o caminho ideal para alcançar a compreensão do mistério da Igreja é o de considerá-lo em perspectiva sacramental. Este pressuposto, da Igreja como *Sacramentum Salutis*, será o substrato da eclesiologia de comunhão, pois coloca a Igreja como instrumento de Deus nos desígnios salvíficos, como “tabernáculo da Palavra”, como “comunidade do corpo do Senhor, na recepção dos sacramentos”, como comunidade salvífica, isto é, comunhão de homens e mulheres crentes, com Cristo.

A expressão *communio*, enquanto ideia síntese da reflexão sobre a Igreja, vincula e gira em torno a três conceitos fundamentais: Povo de Deus, Corpo de Cristo e Sacramento. A Igreja é, radicalmente, um mistério: visivelmente é um povo, povo *de Deus* que, constitutivamente, é Corpo de Cristo e operativamente, é Sacramento. Três ideias que resultam numa “eclesiologia de comunhão”, com seu centro na Eucaristia.

Referências

BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus é amor*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BLANCO, P., *La teología de Joseph Ratzinger. Una introducción*, 2. ed. Madrid: Palabra, 2011.

_____. *Joseph Ratzinger – Bento XVI: um mapa de suas ideias*, São Paulo: Molokai, 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: <http://www.vatican.va/>

archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html Acesso em: 07 mar. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGREGACION PARA LA DOCTRINA DE LA FE. *El misterio de la Iglesia y la Iglesia como comunión. Introducción y comentarios: Card. Joseph Ratzinger*. 3. ed. Madrid: Ediciones Palabra, 1995

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccle-de-euch.html. Acesso em: 07 mar. 2020.

MARTUCCELLI, P. *Origine e natura della Chiesa: La prospettiva storico-domatica di Joseph Ratzinger*, Frankfurt am Main: Peter Lang, 2001.

NICHOLS, A. *The theology of Joseph Ratzinger: an introductory study*, Edimburgo: Clark, 1988, p. 27-53, p. 133-165.

RATZINGER, Joseph. *Obras completas VIII/1 – Iglesia. Signo entre los pueblos. Escritos de eclesiología y de ecumenismo*. Madrid: BAC, 2015, 680 p.

_____. *Comprender a Igreja hoje. Vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *O Novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. *Chiesa, ecumenismo e politica*. 2. ed. Milano: Paoline, 1987.

_____. *La Iglesia. Una comunidad siempre en camino*. 2. ed. Madrid, España: San Pablo, 2005d.

_____. *Convocados en el camino de la fe. A Iglesia como comunión*, Madrid, Crisandad, 2004b.

_____. *El nuevo pueblo de Dios*, Barcelona: Herder, 2005c.

_____. *La Comunione nella Chiesa*. Milano: San Paolo, 2004a.

_____. *Teoría de los principios teológicos: materiales para una teología fundamental*, Madrid: Herder, 2005b.

_____. *Deus próximo de nós: a eucaristia centro da vida*. Lisboa: Tenacitas, 2005.

VIGNINI, G., *Joseph Ratzinger-Benedetto XVI. Una guida alla lettura*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010, p. 29-41.

Artigo recebido em 25/03/2021 e aprovado para publicação em 16/04/2021

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i39-2021-4>

Como citar:

HOEMBERGER, Gilcemar. A Igreja como mistério de comunhão. Notas sobre a eclesiologia eucarística de Joseph Ratzinger. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 75-96, jan./jun. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br